

## CAPÍTULO 5

# UMA INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA? QUE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO?

Luiza Cortesão

*Os movimentos positivistas geralmente começaram defendendo uma forma de relacionar a teoria com a prática que nos libertaria de todas as formas autoritárias da teorização acadêmica, formas essas que não eram enquadradas pelo mundo real da experiência. (...) Daqui resulta que o positivismo era, nos seus próprios termos, nada mais do que um precursor moderno, falhado, da investigação-ação. (...) O que poderemos aprender disto é que a condição da investigação-ação poderá ser deturpada se procurarmos explicações das suas características somente na história interna da própria investigação-ação.*

Carr (1989, p. 87)

### REFLETINDO SOBRE A AMBIGUIDADE DO CONCEITO DE INVESTIGAÇÃO AÇÃO

De entre os diferentes problemas que atualmente estão em debate no campo de trabalho que se caracteriza pelo recurso a práticas de investigação e intervenção em que pesquisa e prática interagem e se enriquecem mutuamente, no presente texto optou-se por refletir, somente, sobre o facto de que, na atualidade, é discutível que se possam considerar estarem incluídas neste campo algumas das atividades que se afirmam pertencer ao grupo de trabalhos de investigação-ação. E é no sentido de contribuir para este debate, que se irão abordar duas questões que se defende ser importante considerar:

- a diversidade teórica e mesmo ideológica dos trabalhos que, ao longo dos tempos, têm vindo a «abrigar-se» sobre um mesmo título, afirmando serem de investigação-ação;

- a existência ou não de relações entre as características dos trabalhos realizados com recurso à pesquisa e a práticas de intervenção e o contexto socio-cultural e político em que estas atividades estão a ser desenvolvidas.

Para auxiliar a reflexão sobre estes problemas, propõe-se então que se comece por imaginar um mapa-mundo que seria utilizado para fazer o registo de diferentes trabalhos considerados relevantes, trabalhos esses que recorreram à pesquisa e à intervenção, e que tenham acontecido em diferentes momentos do século XX. Em seguida ir-se-á escutar os diversos autores desses trabalhos, não só quando eles explicitam o seu conceito de investigação-ação (IA), mas também quando descrevem (ou são descritos por outros) trabalhos relevantes, que consideram pertencer ao campo do que é designado de «investigação-ação», «pesquisa-ação», «pesquisa-participante», ou ainda «investigação-ação-participante».

Como é do conhecimento de muitos, foi Kurt Lewin quem, ainda nos anos 30 do século XX, deu o título de «investigação-ação» a atividades em que a pesquisa e intervenção interagem. Lewin era um judeu alemão, professor de psicologia na Universidade de Berlim. Em consequência do nazismo e antissemitismo, cujo domínio alastrava então na Europa, Lewin viu-se forçado a emigrar para os Estados Unidos, país que, com uma organização democrática, passou a ser a sua pátria de adoção. Por exemplo, alguns dos seus trabalhos foram evidenciando que certos problemas que surgiam nas empresas se resolviam mais facilmente por meio de uma participação democrática dos interessados do que através de decisões autoritárias. É geralmente referido como sendo um dos seus projetos de investigação-ação mais importantes, aquele que Lewin desenvolveu e com o qual conseguiu uma significativa alteração nos hábitos alimentares da população dos Estados Unidos da América (EUA). Essa alteração tornara-se necessária naquele país em consequência dos então existentes problemas de abastecimento, surgidos em consequência da segunda guerra mundial. Este projeto consistiu em convencer a população civil dos EUA a consumir partes do corpo do boi que, anteriormente, eram por todos rejeitadas, como por exemplo o coração, tripas e fígado.

É disto também exemplo o trabalho que ele desenvolveu e que consistiu na inserção de fábricas em zonas rurais, em que a mão de obra ali disponível tinha problemas de rentabilidade. Como se pode perceber, mesmo que só a partir destes exemplos, Lewin recorria à investigação-ação para resolver problemas de adaptação às condições e necessidades existentes. E também será de notar que, como afirma Clem Adelman num texto de 1993, «as ideias de Kurt Lewin, sobre participação democrática, nos locais de trabalho, não incluem qualquer crítica à sociedade mais alargada, particularmente no que concerne a relações económicas entre trabalhador/empregador, capital e trabalho» (Adelman, 1993, p. 10).

Outros trabalhos importantes de IA aconteceram, por exemplo, na Suíça, nos anos 70 do século XX. Tratava-se de trabalhos relativos às desigualdades (denunciadas estatisticamente) de sucesso escolar dos alunos de diferentes classes sociais. Esses problemas estavam a ser investigados em várias instâncias responsáveis pela educação. Será de referir, por exemplo, a existência, já em 1977, de um grande projeto de investigação-ação empreendido pela *Direction de L'Enseignement Primaire*, pelo *Serviço de la Recherche Pédagogique* e pelo *Service de la Recherche Sociologique*. Tratava-se do projeto *Rapsodie*, que contava com a colaboração de investigadores como, por exemplo, Journet, Perrenoud e Hutmacher. Este projeto, através de um ensino diferenciado, atento às características socioculturais dos alunos, desenvolvia um processo educativo adequado, informado por dados decorrentes de uma pesquisa ação, procurava evidenciar que, com uma atuação adequada, «a desigualdade de resultados não é uma fatalidade» (Journet et al., 1977). Num relatório dos trabalhos deste projeto, produzido em 1977, os autores explicitam o seu entendimento do conceito de IA, dizendo que, com um trabalho desenvolvido neste campo, pretendem conseguir a interação pesquisa e ação de modo a «articular uma com a outra de tal forma que cada uma possa beneficiar com os contributos da outra, sem que, por isso, percam a sua identidade (p. 5).

Na França, Dubost (1983), por exemplo, numa proposta de definição do que é IA, afirma que se trata de uma «ação deliberada que visa uma mudança no mundo real, empreendida numa escala restrita, envolvida num projeto mais geral, que se submete a certas disciplinas para conseguir resultados de conhecimento ou de sentido» (pp. 17-18).

Esta explicitação do significado do conceito de IA adiantada em França por Dubost consta de um artigo que ele escreveu em 1983, no número 90 da conceituada revista *Pour*, número que foi totalmente dedicado à IA. Note-se que, no mesmo número, participaram, ainda outros autores, também muito respeitados, como Ardoino, Hess, Guy le Boterf, Barbier e Bataille. Acontece que, pelo teor dos seus textos, pode perceber-se que todos eles partilham o conceito de IA adiantado por Dubost. Será ainda de salientar uma frase que o epistemólogo Ardoino escreveu, neste mesmo número da revista *Pour*, frase essa que espelha preocupações de tipo epistémico suscitadas pelo novo (para a época) tipo de relação entre teoria e prática proposto pela IA. Escreveu Ardoino que esta é «um escândalo epistemológico útil» (p. 22).

Já Fals Borda, sociólogo colombiano, descreve, num discurso duro, o tipo de trabalho de pesquisa e intervenção que desenvolvia, para o qual adotou a designação um pouco diferente de «investigação-ação participante» (IAP). Num texto que escreveu na América do Sul, em 1981, portanto numa data muito próxima daquela em que foi publicada, na Europa o número 80 da revista *Pour* a

que acima se fez referência, Fals Borda, de um modo muito vigoroso, distancia-se de outras formas, então já existentes, de pesquisa-ação, afirmando que a investigação-ação-participante

não se trata do tipo de conservador de pesquisa planejado por Kurt Lewin, ou das respeitadas propostas de reforma social, e da campanha contra a pobreza dos anos [19]60. Refere-se antes a uma pesquisa-ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo (...) operários, camponeses, agricultores, e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas. (p. 43)

Para compreender esta explicitação das finalidades da IAP dada por Fals Borda e das características que, para ele, a IAP deveria ter, será interessante ter em conta, por exemplo, como Torres (1955) descreve sobre o contexto social e económico da América Latina de então, onde, no quadro de Educação Popular, tinha surgido a IAP. E Torres escreve que as características contextuais daquele tipo de trabalho eram «as condições de vida dos pobres e seus principais problemas, tais como o desemprego, alimentação deficiente, escassa saúde» (p. 44).

Estas circunstâncias poderão explicar, também, as palavras ditas por Fals Borda numa entrevista que lhe foi feita por Cendales, Torres e Torres (2005). Elas revelam a angústia sentida por um investigador ideologicamente comprometido com a luta por uma sociedade mais justa, perante a ineficácia do conhecimento científico produzido, quando isolado da prática, face às terríveis condições de vida da população com que contactava quotidianamente. Dizia, angustiadamente, Borda: «Pesquisa para quê? Bom, é para a transformação. Porquê? Porque há injustiças, a exploração e o mundo tem de ser melhor, sobretudo nesta parte do mundo que é a Colômbia» (p. 28).

Foi também nos anos 70 do século XX que Budd Hall, vindo do Canadá para a Tanzânia (África), país que, nessa altura, com Nierere na presidência, experimentava uma forma de socialismo, desenvolveu ali um projeto socialmente empenhado que descreveu como sendo de pesquisa-participante. É ainda de salientar que, neste mesmo país, Marja Lisa Swanson, finlandesa, também desenvolvia um grande projeto de pesquisa-ação-participante na linha de Fals Borda. Foi ainda Budd Hall que convidou Paulo Freire, nessa altura refugiado em Genève e trabalhando no Conselho Mundial das Igrejas, a ir à Tanzânia. Neste país, Freire fez importantes publicações e conferências, apresentando e discutindo a sua «Pedagogia». Como se sabe, o conceito de «Pedagogia» de Freire é, para ele, algo que abrange toda uma complexa proposta de trabalho que, no ato educativo, articula constantemente momentos de produção de conhecimento etnográfico e pedagógico, com uma importante intervenção política social e educativa. E note-se que a fase de intervenção que, neste quadro, se pretende realizar, é

uma fase de trabalho que se desenvolve através da consecução da alfabetização e conscientização de adultos (Cortés, 2021).

Trabalhos desenvolvidos noutros países que, pela relevância, certamente, também estariam registados no tal mapa-mundo que se imaginou no início deste texto, seriam os do Reino Unido e Reino Unido/Austrália em consequência dos importantes trabalhos sobre investigação-ação ali realizados, em especial no campo da educação, por exemplo por Elliot (1991) ou por Stenhouse, também por Carr e Kemmis (1986).

A título de exemplo, Elliot (1991), no seu livro «Action Research for Educational Change», defende que

a meta fundamental da Investigação-ação reside mais na melhoria da prática do que na produção de conhecimento. A produção e utilização do conhecimento está subordinada a, e condicionada por esta meta fundamental. A melhoria da prática consiste na consecução daqueles valores que representam as suas finalidades, por exemplo, «justiça» na linguagem legal, «tratamento do paciente» na medicina, «preservação da paz» na política e «educação» no ensino. (p. 49)

E adiante, no mesmo texto, Elliot (1991) dá exemplos de características que o «processo de ensino» deverá procurar desenvolver e que seriam: «a abertura às perguntas, às ideias e formas de pensar deles», o «empenho na livre e aberta discussão», o «respeito pelas evidências», a «preocupação em estimular o pensamento independente» e «interesse nas matérias» (pp. 49-50).

É muito importante salientar que é possível ainda encontrar-se, sobretudo mais recentemente, referências a trabalhos que visam finalidades diversas e que, apesar de se situarem em quadros ideológicos diferentes, também se abrigam sob o rótulo de IA. São exemplo deste tipo de trabalhos projetos que visam conseguir uma aparentemente mais fácil 'adaptação' de alunos migrantes a escolas que estão a frequentar. Trata-se de escolas pouco atentas a problemas de relação entre diferentes contextos socioculturais, cujo funcionamento não é questionado pelo projeto e que propõem atuações com que pretendem facilitar a «adaptação» dos alunos à escola, escola essa cujo caráter monocultural, como atrás se referiu, não é questionado. A título de exemplo, também se pode referir que se podem encontrar projetos e/ou trabalhos que visam conseguir um funcionamento mais rentável de uma dada empresa ou a identificação de características de futuros clientes para adequar as possíveis formas de ofertas mais lucrativas, ou ainda uma proposta estudo de atividades a desenvolver por uma empresa de turismo.

## UMA POSSÍVEL INTERPRETAÇÃO DOS DADOS REGISTRADOS NO MAPA-MUNDO

O conjunto de trabalhos que anteriormente se pensou poderem estar registados no tal mapa-mundo a que se fez referência no início deste texto não pretende, de forma alguma, constituir uma amostragem representativa do tipo e localização de estudos de textos ou de projetos que se auto incluem no campo da IA. O que se procurou, unicamente, foi referir trabalhos considerados relevantes no campo de pesquisa e intervenção, mencionado o local e data em que foram realizados. Mas, apesar da exiguidade numérica dos exemplos aqui registados, a sua leitura permite identificar alguns aspetos que vale a pena referir. De facto, essa leitura, se um pouco mais atenta, parece evidenciar:

- a) que se trata de um conjunto muito heterogéneo de trabalhos que tem vindo a ser adotado, em muitas partes do mundo, desde há muitos anos, e parece continuar a sê-lo;
- b) que, em todos os casos ali registados, embora com características que parecem ser diferentes, se verifica, sempre, uma articulação entre investigação e ação, portanto a existência de um recurso metodológico conjunto à pesquisa e à prática (situação que durante muito tempo foi considerada transgressiva). Parece, portanto, que, para alguns, de certo modo, esta simples presença de uma articulação entre pesquisa e prática em muitos dos trabalhos justificaria a adoção feita por eles do rótulo de «investigação-ação»;
- c) como se afirmou já, as finalidades que diferentes trabalhos autodenominados de investigação-ação pretendem atingir, parecem poder ser muito diversificadas. Realmente, a par de trabalhos que, de forma evidente, se enquadram na Teoria Crítica, alguns até anunciando finalidades que defendem práticas de luta, podem encontrar-se também trabalhos com finalidades bem diferentes. Sobretudo mais recentemente, algumas situações de trabalho cujas finalidades nada têm que ver com projetos que têm uma preocupação de intervenção social, no sentido que lhe atribuiu, explicitamente, por exemplo, Fals Borda (2001). Parecem sim, procurar, por exemplo, um melhor funcionamento de uma instituição, ou de um grupo, no atual contexto do sistema mundial capitalista em que se integram, sem o questionar, recorrendo a uma metodologia em que práticas de pesquisa fornecem dados úteis para poder desenvolver a ação a desenvolver.

## COMENTÁRIO FINAL

A leitura a que se procedeu de alguns trabalhos que estariam registados no tal imaginado mapa-mundo evidenciaram, sobretudo, como já foi afirmado, que a única característica comum a todos eles, aqui referidos como sendo de «investigação-ação», reside na adoção de metodologias que recorrem à articulação entre teoria e prática, situação que pode ocorrer em trabalhos cuja orientação ideológica é diversificada. Esta articulação teoria/prática parece ter-se revelado tão positiva, tão eficiente, que a encontramos utilizada ou preconizada em propostas ou relatos de trabalho que se desenvolvem ou desenvolveram com finalidades tão distintas que, por vezes, se podem situar em quadros ideológicos não conciliáveis.

Sabe-se que um dos grandes contributos para a compreensão do complexo conjunto de significados e características da educação que tivemos o privilégio de receber através do estudo da obra de Paulo Freire consistiu na vigorosa denúncia que ele fez, e que foi partilhada por muitos, da politicidade de todo o ato educativo.

Uma vez que, neste texto, se procuraram analisar diferentes questões relativas à IA, é muito interessante, agora, sublinhar algo que está referido em alguns exemplos neste texto e que é o quanto este campo é atravessado, ora apoiado, ora contestado, até a nível macro, por situações relativas a problemas da politicidade da educação. Esta é uma questão que se pode encontrar registada em muitos trabalhos que analisam questões relativas a problemas da IA. Por exemplo, no livro *Theory and Practice in Action Research*, editado por um conjunto de peritos, entre o quais John Elliot, é referido o texto de Noffke que é introdutório da Parte 1:

Noffke prepara o cenário para os artigos que se seguem, revelando as tensões que rapidamente se desenvolveram entre aqueles que adotaram uma postura política na sua investigação ação e os que não o fizeram. Concretamente, ela localiza isto no foco, explicitamente político, do quadro da ação social desenvolvida por J. L. Moreno, na Áustria, pelos investigadores da ação-participativa, como por exemplo Fals Borda, na América Latina, e pelas investigadoras feministas nos U.S.A., em oposição à focagem de alguns, especialmente na era do pós-SPUTNIK, que estavam empenhados em melhorar a prática de ensino. (Day et al., 2002, p. 12, tradução nossa)

Goyette e Lessard-Hebert (1987) escrevem mesmo um capítulo sobre a relação da investigação-ação com o contexto sociopolítico e cultural. Citando Clegg (1978), em dada altura sublinham, por exemplo,

o impacto de um acontecimento sociopolítico sobre a evolução da pesquisa-ação como prática científica alternativa. Clegg faz notar que aconteceu uma

paragem brusca da investigação-ação nos Estados Unidos no domínio da educação, na sequência do lançamento em 1957 do primeiro Sputnik soviético. Em reação a este acontecimento, que colocou os Estados Unidos em competição com a Rússia, a National Science Foundation procurou desenvolver um currículo centrado nas ciências naturais. (Goyette & Lessard Hébert, 1987, p. 8, tradução nossa)

Esse currículo agora centrado nas Ciências Naturais, na Física e Química, que preconizava o ensino experimental (então chamado «ensino investigativo»), passou a ser como que a bíblia na formação, por se considerar que, naquele contexto da Guerra Fria, o necessário era desenvolver, nos alunos, competências de investigação nas ciências duras. Pode ver-se, portanto, que até um acontecimento de política internacional (como o lançamento do *Sputnik*) interferiu na decisão de adotar/valorizar, ou não, práticas de IA.

Se, com autores a que anteriormente se fez referência (como por exemplo Carr, Kemmis e Elliot), nos situarmos no quadro não só teórico-epistemológico, mas também ideológico da Teoria Crítica, então será de se desenvolverem reflexões de vigilância crítica relativamente a propostas que se intitulem de «investigação-ação» porque, apesar de se proporem recorrer a metodologias que articulam a pesquisa com a ação, podem nada ter que ver com intenções de contribuir de formas mais ou menos explícitas para um mundo mais justo e mais fraterno. Uma vigilância crítica pode ajudar a identificar que tipo de trabalho se está a desenvolver e que condições contextuais estão a contribuir para o projeto em análise. É que, como dizia Carr, «a condição da investigação-ação poderá ser deturpada, se procurarmos explicações das suas características somente na história interna da própria investigação-ação» (Carr, 1989, p. 86).

Apesar de ter desenvolvido toda uma obra em que sempre articulava a reflexão/produção teórica com a prática, sabe-se que Freire não se referia ao seu trabalho como algo que se tenha desenvolvido num quadro de «investigação-ação». No entanto, pode perceber-se que as suas lúcidas análises e sínteses teóricas sobre diferentes problemas que denunciava existirem no campo educativo, e que entendia ser importante enfrentar, são claramente trabalhos que se situam na mesma área das propostas socialmente mais implicadoras da investigação ação. Por isso, e pela corajosa defesa que fez da politicidade de todo o ato educativo, é-nos permitido terminar este texto sublinhando a importância da vigilância crítica nas opções metodológicas que vamos fazendo, ao citar algo que Freire disse dirigindo-se a educadores, numa tentativa de acordar a consciência crítica de cada um, «Fazer opções é muito importante. Os educadores devem indagar-se para quem, e em benefício de quem, estou trabalhando» (Freire & Macedo, 1990, p. 114).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adelman, Clem (1993). Kurt Lewin e as origens da pesquisa-ação. *Pesquisa-Ação Educacional*, 1(1), 7-24.
- Ardoino, Jaques (1983). Conditions et limites de la recherche action. *Pour*, 90, 22-26.
- Carr, Wilfred (1989). Action research: Ten years on. *Journal of Curriculum Studies*, 21(1), 85-90. <https://doi.org/10.1080/0022027890210108>
- Carr, Wilfred, & Kemmis, Stephen (1986). *Becoming critical: Education knowledge and action research*. Falmer.
- Cendales, Lola, Torres, Fernando, & Torres, Alfonso (2005). "One sows the seed, but it has its own dynamics": An interview with Orlando Fals Borda. *International Journal of Action Research*, 1(1), 9-42.
- Clegg, Ambrose (1978). *Triangulation: Strategy for formative action research on in-service education*. ERIC Clearinghouse.
- Cortesão, Luiza (2021). Descodificando o significado de uma frase de Paulo Freire. In Maria Eliete Santiago & José Batista Neto (Orgs.), *Olhares sobre Paulo Freire: História e atualidade*. Cepe.
- Day, Christopher, Elliott, John, Somekh, Bridget, & Winter, Richard (Eds.). (2002). *Theory and practice in action research: Some international perspectives*. Symposium Books.
- Dubost, Jean (1983). Les critères de la recherche action. *Pour*, 90, 17-21.
- Elliott, John (1991). *Action research for educational chance*. Open University Press.
- Fals Borda, Orlando (1981). Aspectos teóricos de pesquisa participante: Considerações sobre o significado e papel da ciência na participação popular. In Carlos Rodrigues Brandão (Org.), *Pesquisa participante* (pp. 42-62). Brasiliense.
- Fals Borda, Orlando (2001). Participatory (action) research in social theory, origins, and challenges. In Peter Reason & Hilary Bradbury (Orgs.), *Handbook of action research, participative inquirer and practice* (pp. 27-37). Sage.
- Freire, Paulo, & Macedo, Donald (1990). *Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra*. Paz e Terra.
- Goyette, Gabriel, & Lessard-Hébert, Michelle (1987). *La recherche action, ses conditions, ses fondements, et son instrumentation*. Presse de l'Université du Québec.
- Journet, Roger, Perrenoud, Hutmacher, Raymond, Hutin, & Michel, Dokic (1977). *Rapsodie, état du projet au 21 novembre 1977* (Documento policopiado).
- Torres, Carlos Alberto (1995). *Estudios freirianos*. Libros del Quirquincho.